

Celina Martins

Universidade da Madeira

A Travessia de São João da Cruz e de Nietzsche n’*O Livro das Comunidades* de Maria Gabriela Llansol

“Nada foi, tudo está sendo”

Maria Gabriela Llansol, *Finita*

A reflexão incidirá sobre a poética da travessia na textualidade de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), que forjou um pacto novo do desassossego na linhagem de Rimbaud, Hoderlin, Pessoa, Musil e Lispector a partir de uma leitura d’*O Livro das Comunidades. Geografia de Rebeldes* (1977). Em virtude da deserção colonial do seu companheiro, Augusto Joaquim, Llansol exilou-se na Bélgica flamenga de 1965 a 1985, em Lovaina, Herbais e Jodoigne respectivamente. A desterritorialização de um Portugal dictatorial e decadente e a deslocação pela Bélgica revelam a busca de lugares de meditação propícios à feitura do texto orgânico, que desconstrói os pilares da narrativa realista:

O texto orgânico não obedece ao princípio de verosimilhança, mas de fulgorização.

Cria figuras e não personagens. A sua temporalidade não se inscreve numa linha de continuidade entre passado-presente-retorno ao passado, mas do futuro (por vezes, muito longíquo) para o presente [...] Não obedece a uma ordem de construção narrativa fixa, não distingue praticamente entre prosa e poesia, nem respeita géneros literários.¹

¹ Augusto Joaquim citado por Maria Gabriela Llansol, *O Senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações* (Lisboa: Relógio d’Água, 2002), p. 27.

N’*O Livro das Comunidades. Geografia de rebeldes*, Llansol redimensiona a noção de ucronia, dado que propõe uma releitura crítica e especulativa do passado mediante a viagem de criadores que foram contra a corrente hegemónica, repensaram a relação do Homem com as instituições, a sociedade e o imaginário: São João da Cruz (1542--1591) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). Ao sacudir a poeira das categorias de personagem, verosimilhança e capítulo do cânone realista, Llansol encena vinte e seis lugares que São João da Cruz e Nietzsche percorrem com místicos, pensadores e revolucionários de épocas e espaços diferentes (Ana de Peñalosa, Ana de Jesus, Müntzer, Giordano Bruno, Eckhart), experienciando a simultaneidade dos instantes plenos (*kairós*) do texto. À primeira leitura, o pacto da estranheza instaura-se, dado que o leitor se questiona sobre a viabilidade da relação entre o carmelita descalço e o escritor d’*O Anticristo*. O texto de Llansol não se reduz a dicotomias, abre linhas de fuga de constante mobilidade. A nossa leitura tentará mostrar que São João da Cruz e Nietzsche são agenciamentos que nascem e renascem nas veias do texto, transportando alguns vestígios do passado. Ambos se transformam na comunidade incomum dos rebeldes em consonância com a dinâmica do texto meta-ficcional que se estrutura segundo o encontro inédito do diverso.

Llansol reactiva fluxos de pensamentos que não sucederam na Europa desde a Idade Média ao construir fragmentos elípticos, tecidos de caos e de novo, memórias silenciadas do passado e “memórias do futuro.”² O projecto de Llansol não se inscreve no género da distopia no sentido de representar um mundo em crise, marcado por um conjunto de negatividades. Pelo contrário, o texto llansoliano é a casa “de um só quarto e de uma só janela”³ que se abre a um tempo que não existiu fisicamente, um tempo projectado num futuro hipotético: “o futuro é o mais actual dos tempos.”⁴ A provocação de Llansol consiste em explorar encontros de co-iluminação entre São João da Cruz, a benfeitora de São

² Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades* (Lisboa: Relógio d’Água, 1999), p. 20.

³ *Ibidem*, p. 14.

⁴ Maria Gabriela Llansol, *Uma data em cada mão. Livro das Horas I* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2009), p. 14. Selecção, transcrição, introdução e notas de João Barrento e Maria Etelvina Santos.

João da Cruz – Ana Peñalosa – e o filósofo Nietzsche, demolidor de todas as certezas herdadas pelo Cristianismo, que instituiu a dicotomia do bem e do mal, a moral da fraqueza e promoveu um homem cultural e fisiologicamente doente. Se considerarmos as linhas da História, São João da Cruz e Nietzsche representam as vozes que se insurgem contra a decadência do *status quo*. São João da Cruz adere ao projecto de iniciar a reforma que visa desenvolver a vida contemplativa como princípio de despojamento na Ordem dos Carmelitas. O seu projecto de renovação foi, contudo, bloqueado pelos carmelitas conservadores. De modo sensivelmente diferente, os axiomas de Nietzsche foram deturpados pelo nazismo para propagar o Super-homem ariano e acentuar a cisão e a violência.

Como marca paratextual importante, o subtítulo *Geografia de Rebeldes* evidencia a geotextualidade de Llansol: trata-se de escrever sobre lugares sedentos de novas relações entre os humanos e todas as formas do vivo num pacto de não-anulação. Llansol perscruta as fissuras da História “a contrapelo”⁵, incidindo na viagem do rebelde enquanto “ser singular, destruidor consequente da instituição e da regra.”⁶ Ciente de que as geografias do espiritual foram abaladas pela lógica do Poder, Llansol propõe um diálogo ucrónico entre São João da Cruz e Nietzsche que atravessam as folhas do texto entre o sonho e a vigília “no estado expectante de viagem”.⁷ Com efeito, *O Livro das Comunidades* traça a “ucronia eudemonista de intenção apocástica.”⁸ Para os Estóicos, o Eudemonismo visava a felicidade, a ataraxia do sábio e a renúncia aos bens materiais. A apocatástese designa, por etimologia, a reconstituição, o regresso e a repetição, representando o retorno cíclico de períodos da história e a repetição de acontecimentos desaparecidos.⁹ É mediante a apropriação do *topos* do eterno retorno que Llansol resgata e reescreve a luz visionária de São João da Cruz e

⁵ Walter Benjamin, *Sobre Arte, Técnica, Linguagem Política* (Lisboa: Relógio d'Água, 1992). p. 161.

⁶ Maria Gabriela Llansol, *Uma data em cada mão*, *op. cit.*, p. 32.

⁷ *Ibidem*, p. 122.

⁸ João Barrento, *Na dobra do mundo. Estudos Llansolianos* (Lisboa: Mariposa Azul, 2008), p. 149.

⁹ *Ibidem*, pp. 149-50.

de Nietzsche, transformados em viandantes em processo de devir num jogo de palimpsestos sobreimpressos. Como a metamorfose é o princípio estruturador da poética da errância de Llansol, São João da Cruz, Ana de Peñalosa e Nietzsche desterritorializam-se do seu *locus* enunciativo e da História da censura para se tornarem vibrações que arfam “cem memórias de paisagens”¹⁰ porque são os “fora-da-série”¹¹ que a História falhada dispersou. O texto faculta aos rebeldes a faculdade de re-existir e ressuscitar com novas vibrações porque “têm o sentimento final de que há um lugar onde chegarão à sua coincidência.”¹²

N’*O Livro das Comunidades*, São João da Cruz é a primeira figura¹³ metamorfoseada do texto em consonância com o desejo de Llansol de ser “ermita”¹⁴ quando interioriza o itinerário da solidão e auto-analisa o trabalho de escrita da sua trilogia dos rebeldes¹⁵ a fim de escavar os múltiplos reais e as rupturas da tradição que a História soterrou. Segundo *Uma data em cada mão* (2009), a biografia de São João da Cruz e a leitura das *Obras Completas* do místico, em francês, foram experiências transformantes para a construção da textualidade como a travessia da mística e do profano.

Se considerarmos que a viagem ganha sentido como percurso intertextual entre Llansol e São da Cruz, os primeiros lugares do livro são atravessados por citações veladas aos poemas do místico, concebido n’*O Livro das Comunidades* como “o actor da palavra.”¹⁶ No

¹⁰ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 11.

¹¹ *Ibidem*, p. 7.

¹² Maria Gabriela Llansol, *Um Falcão no Punho* (Lisboa: Relógio d’Água, 1998), p. 129.

¹³ O termo “figura” inscreve-se na poética de Llansol no seu texto fundador “Gênese e significados das figuras”. Avesa ao psicologismo das personagens, Llansol define as figuras como “nós construtivos do texto” [...] módulos, contornos, delineamentos [...] que envolvem um núcleo cintilante”, *No Falcão do Punho* (Relógio d’Água, 1985), pp. 130-131. Como a figura pode ser um diálogo, um pensamento, uma visão, uma frase, a figura não se inscreve numa narrativa, ela participa da mutação: tem a coerência e a consistência de ser transformar com novos sentidos e posicionamentos em consonância com a textualidade do devir.

¹⁴ Maria Gabriela Llansol, *Finita* (Lisboa: Relógio d’Água, 2006), p. 86.

¹⁵ A trilogia “Geografia de Rebeldes” é constituída pelo *Livro das Comunidades*, *A Restante Vida* (1983) e *Na Casa de Julho e Agosto* (1984).

¹⁶ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 19.

contexto da viagem espiritual de São João da Cruz, ser o actor da palavra significa comentar a premência da *theopoesis* do silêncio em que a busca da comunhão com Deus é interiorização, recolhimento e ascese. No prólogo do poema “Llama de Amor Viva”, dedicado à sua benfeitora e discípula, Ana de Peñalosa, o poeta reconhece a dificuldade em exprimir a linguagem do inefável,¹⁷ porque o rito iniciático que toda a experiência mística implica não se pode traduzir na linguagem racional. A experiência mística funda-se na linguagem do poeta – “o actor da palavra” – que sonda os mistérios de Deus mediante processos estilísticos, jogos de segredos e paradoxos como: a “música callada”, “la soledad sonora”¹⁸ (San Juan de la Cruz, 2005: 645) e o outramento através de uma voz feminina, que representa a Alma no poema “Llama de Amor Viva”.

É, precisamente, o deslize constante entre tipos de discursos diferenciados que Llansol trabalha para se apropriar de alguns *topoi* da poesia de São João da Cruz, instaurando a hesitação entre o sentido literal e o sentido figurado. No lugar 3, Ana Penãlosa sonha com o túmulo de São João da Cruz que remete, metonimicamente, para a morte do santo em Ubeda. A encenação da morte é, contudo, interrompida pela alusão ao eterno retorno de Nietzsche “onde te vejo em várias pessoas e em vários momentos da tua vida.”¹⁹ Os primeiros cinco lugares d’*O Livro das Comunidades* são uma montagem de cenas, aparentemente, desconexas do percurso de provação e de martírio de São João da Cruz. O momento de finitude do místico é, contudo, provisório. Llansol transforma o místico na figura da hospitalidade na linha de Derrida: “l’hospitalité doit être tellement inventive, réglée sur l’autre et sur l’accueil de l’autre, que chaque expérience d’hospitalité doit inventer un nouveau langage.”²⁰ Re-inventar uma nova linguagem pressupõe transformar São João da Cruz canonizado no viajante pobre enquanto hóspede da Alteridade múltipla. Neste sentido, a subversão

¹⁷ San Juan de la Cruz, *Obras Completas* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005), p. 191.

¹⁸ San Juan de la Cruz, “Cântico Espiritual”, *Obras Completas, ibidem*, p. 645.

¹⁹ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades, op. cit.*, p. 19.

²⁰ Mohammed Seffahi et Michel Wieviorka (dir.), *Manifeste pour l’hospitalité. Autour de Jacques Derrida* (Paris: Grigny, Paroles d’aube, 1998), p. 19.

da linguagem ocorre, inicialmente, no Nome Próprio, como já defendia Barthes.²¹ São João da Cruz torna-se “João”, a figura que renasce como filho de Ana de Peñalosa: a sua mãe póstuma. É durante uma viagem pelo rio, viagem pelas águas da escrita que João irradia a luz da “Llama de Amor Viva”: “o nome de João sulcava a água e a quilha do barco penetrava em cada letra enquanto ele conversava com o livro, o livro aberto sobre os joelhos a nascer da boca por uma qualidade especial de sol.”²² Enquanto “actor da palavra”, João é o primeiro rebelde que fala com o livro nascente – *O Livro das Comunidades* –, é o sopro de seiva que dá luz ao livro com a “qualidade especial de sol”, renunciando os *leitmotive* da “Llama de Amor viva” que narra a comunhão da Alma com Deus “matando, muerte en vida la has trocado”²³ na tradição do misticismo nupcial. N’*O Livro das Comunidades*, o fogo anuncia a troca de energias entre Ana de Peñalosa e João. É necessário que as réstias do místico martirizado se embrenhem nas alusões ao poema “Llama de Amor Viva” no sentido de regenerar pela palavra entranhada outra viagem que se auto-constrói ao ritmo dos passos do místico ao percorrer “a via do rio, a via dos pinheiros e a iluminação da vela”²⁴ numa progressiva busca da luz de ser receptáculo de várias vozes.

Dada a premência da lógica do sonho e da sobreposição de camadas de visões da narradora-professora anónima do *incipit* que faz amor com o olhar, as palavras e o tempo²⁵ (1999: 11), os cinco sentidos participam da travessia dos i-limites: a fronteira entre o visível e o invisível, a permanência e a errância, a vida e a morte, o sagrado e o profano modificam-se segundo a mutabilidade das paisagens fluidas e dos seres em contacto dentro do mundo figural, como observa Lopes:

o mais extravagante coexiste com o anódino enquanto tal, isto é, não se busca no quotidiano o que nele pode haver de exótico – à maneira surrealista, que busca o estranho, o fora de uso, o bizarro – mas usam-se elementos do quotidiano para

²¹ Roland Barthes, “Proust et les Noms”, *Nouveaux Essais Critiques, Œuvres Complètes*, tome II, 1966-1973, (Paris, Seuil, 1944), pp. 1368-1376.

²² Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 18.

²³ San Juan de la Cruz, *Obras Completas*, *ibidem*, p. 914.

²⁴ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 27.

²⁵ *Ibidem*, p. 11.

fazer a ligação entre vários níveis de realidade, para mostrar que o mundo figural não é independente da realidade do senso comum, em cuja definição os cinco sentidos têm um papel decisivo.²⁶

O facto de São João da Cruz assar carneiro num forno não é somente uma leitura trivializada de natureza paródica: é também o gesto fundador da comunidade dos mutantes em que se sacrifica o carneiro dos valores fossilizados e os pilares da literatura canónica: a personagem, a representação mimética e o cronótopo da narrativa. Com efeito, os poemas de São João da Cruz atravessam *O Livro das Comunidades* com novas atribuições de sentido. No lugar 4, Ana de Peñalosa lê “Llama de Amor Viva” como se fosse um texto que estivesse a ser escrito pelas suas mãos, as mãos da professora anónima e as mãos de São João da Cruz no “agora” do acto da enunciação. Ao entrar em ressonância com duas vibrações do feminino, a figura de São João da Cruz passa por “grandes mutações de energia que podem pôr em risco o corpo.”²⁷ O místico perde a mão esquerda: no lugar da mão amputada, irrompe a página que evoca a sua errância pelo deserto de Peñuela, concebida pelo místico como um exercício de transcendência (2005: 231). O *topos* da noite obscura de São João da Cruz irrompe, uma vez que o dia se torna, de súbito, noite: indício não só da noite mística como também da viagem do constante devir das figuras.

Por afinidade electiva, Llansol reconfigura São João da Cruz que interiorizou o percurso do desprendimento, seguindo a via especulativa de Eckhart.²⁸ O desprendimento é um dos princípios da travessia da

²⁶ Silvina Lopes Rodrigues, “A comunidade sem regra”, *Exercícios de aproximação* (Lisboa: Vendaval, 2003), p. 215.

²⁷ Maria Gabriela Llansol, *Lisboaleipzig. O inesperado encontro do diverso* (Lisboa: Relógio d’Água, 1994), pp. 143-144.

²⁸ Eckhart escreveu: “Le détachement tend vers un pur néant, car il tend vers l’état le plus haut, dans lequel Dieu peut agir en nous entièrement à sa guise [...] le détachement [...] rapproche l’âme, purifie la conscience, allume le cœur et éveille l’esprit, il donne de la rapidité au désir, il surpasse toutes les vertus: car il nous fait connaître Dieu, il sépare de ce qui est de la créature et unit l’âme à Dieu. Car un amour partagé est comme l’eau répandu dans le feu, mais un amour unique est comme un rayon plein de miel. *Sermons* (Paris: Seuil, 1987), p. 20.

noite obscura que supõe o ascetismo e a interiorização progressiva da luz tenebrosa da fé. O *topos* da noite obscura reveste-se de um simbolismo carregado de conotações iniciáticas que sobrepõem o nada, a cegueira do espírito, a captação de diferentes penumbras até atingir a luz e aceder ao êxtase com o divino.²⁹ Em Llansol, aceder à luz da noite, segundo a retórica oximórica dos místicos, é um rito nómada, dado que todas as figuras transitam pela noite obscura para anunciarem uma revolução latente vinculada à “apocatástase profana”.³⁰ Apocatástase, em grego, é regresso, reconstituição, é o que vem depois do fim abrupto. Apocatástase profana porque se trata de regresso ao verdadeiro sentido da História: o texto llansoliano abre as janelas para um novo recomeço em que a mística e o sexo de ler e de escrever se interpenetram. Numa repetição indagante vinculada ao eterno retorno, a figura de Ana de Peñalosa torna-se a mãe de São João Cruz (João), de Müntzer (o anabaptista decapitado) e de Nietzsche (Friedrich N).

A ucronia evidencia-se no lugar 4. Absortos na luz da vela, São João da Cruz e Ana de Peñalosa exilam-se da História monológica quando as suas caligrafias se fundem e, em posição fetal, ambos renascem no texto com “a boca suja do leite das palavras.”³¹ A isotopia do acto sexual imbrica-se com o acto gestatório do eterno retorno da leitura e da escrita. Desconstrói-se, por conseguinte, a noção de origem, a autoridade do escritor como cânone arrumado em ficheiros estanques. Porque “Llama de Amor Viva” não é somente intertexto, é, sobretudo, a sobreimpressão de textos anteriores e processos figurados que estão a ser reescritos pela fusão entre o *animus* e a *anima* na esteira de Jung.³² O místico transforma-se na primeira figura do “*entresser*”³³ pois transita do passado para o devir múltiplo. O pensamento e poesia do místico redinamizam-se na e pela leitura da figura de Ana de Peñalosa. Ana é a

²⁹ Bernard Sesé, “La Poétique de la nuit selon Saint Jean de la Croix” (*Sigila*, nº 23, 2009), pp. 27-37.

³⁰ João Barrento, *Na dobra do mundo*, *op. cit.*, p. 150.

³¹ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 29.

³² Henri F. Ellenberger, *Histoire de la découverte de l'inconscient* (Paris: Fayard, 1970). Llansol leu Jung, *Ma vie, souvenirs, rêves et pensées* no momento em que escrevia *O Livro das Comunidades*.

³³ Maria Gabriela Llansol, *Finita* (Lisboa: Relógio d'Água, 2005), p. 19.

mãe do metatexto que entra em êxtase na cena em que as metamorfoses se encadeiam num imbricamento do sagrado e do profano em constante co-alimentação no corpo do texto.

São João da Cruz olhou a vela como a perguntar-lhe o que, a seguir, iria a escrever [...] e a cera, luzente, na base lembrou-lhe o esperma depositado no ventre da mãe, sua mãe do livro; havia duas velas mais baixas encostadas à vela acesa e o livro aberto apresentadas as páginas ligadas por um sulco.

Ele via sua mãe no auge do êxtase e pensou, sem o escrever, num barco ou num espelho no alto de uma vaga: a página dos olhos ocupava o centro da parede e era cem vezes maior que o seu corpo. Teve então medo e o lápis pareceu-lhe a ponta de um seio, que levou à boca. Ana de Peñalosa estava suspensa na página, ele ao seu colo. Embalava-o, mas amplitude da sua voz era a de um coro e principiou a perceber na sombra as várias fisionomias dos irmãos que cantavam [...]

Tudo está por ser dito e o resto do comentário não descreverá um momento da História.³⁴

A réstia de cera da vela conota, por metonímia, o esperma e o lápis torna-se o seio protector da imprevisível mãe num gesto de reinvenção do tempo eterno associado aos *leitmotive* do barco e do sulco do rio a partir do qual o som da água “se amplifica, escrevendo um desejo enorme de João.³⁵ A cena metaficcional reincorpora ecos do prólogo do poema “Llama de Amor Viva” em que o espiritual excede o sentido e o amor místico arde na sua perene flama³⁶, impregnando, por empatia e contágio, os vinte e seis fragmentos do *Livro das Comunidades* da “cor falante do fogo”.³⁷ A sinestesia concilia o fogo místico, o fogo alquímico, o fogo da batalha perdida de Frankenhausem e o fogo do Apocalipse. Ao contrário da História oficial, as palavras do texto não se cingem a um sentido conclusivo, elas prolongam o enigma, tal como ocorre na experiência mística e no texto literário. Durante esta cena, Ana de Peñalosa é a mediadora da metamorfose que interioriza a

³⁴ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, op. cit, p. 26.

³⁵ *Ibidem*, p. 23.

³⁶ San Juan de la Cruz, *Obras Completas*, op. cit, p. 191.

³⁷ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades*, op. cit., p. 26.

Alteridade, pois acolhe e sente o Outro dentro de si. Absorve “o coro de vozes” que remete para as homílias e para o canto revolucionário dos camponeses de Frankenhausem, suturando as dobras que a História nunca fez. Por isso, nada foi, tudo está a ser reescrito n’*O Livro das Comunidades*: é crucial que o encontro improvável entre São João da Cruz, a figura da transmutação alquímica³⁸ e a refiguração de Nietzsche aconteça. Numa repetição indagante intimamente vinculada ao eterno retorno do mútuo,³⁹ o rebelde cria clivagens no curso da História: volta como hóspede da revelação porque na impostura da História nada teve sentido nenhum e as figuras só adquirem consistência ao ressuscitarem numa viagem textual sem começo e sem fim. Como afirma Lopes, “se a força da despossessão nasce da mulher”⁴⁰, Ana de Peñalosa encarna a mítica Grande Mãe, que dá luz a três rebeldes: São João Cruz (João), Müntzer – o anabaptista decapitado – que viaja pelo deserto e Nietzsche, transformado em Friedrich N, permitindo que o regresso dos rebeldes abale as estruturas do passado e celebre a poética da fecundidade em que cada rebelde tem o dom de dar “um mais-saber”⁴¹ ao outro viandante da casa da escrita.

Como foi já referido, o eterno retorno anunciado em *Assim falava Zarastustra* de Nietzsche flui nos primeiros treze lugares d’*O Livro das Comunidades*. O facto de São João da Cruz e Müntzer se transformarem em crianças é uma releitura do texto de Nietzsche que retoma o fragmento dois de Heraclito:⁴² “C’est que l’enfant est innocence et oubli, commencement nouveau, jeu, roue qui se meut d’elle-même, premier mobile, affirmation sainte”⁴³. Ao tornarem-se crianças, os dois

³⁸ O forno referido no Lugar 1 associa-se também ao processo alquímico. Nos numerosos cadernos que Maria Gabriela não publicou em vida, existem citações a leituras esotéricas e alquímicas. Cf. *Um livro em cada mão. Livro de Horas I, op. cit.*

³⁹ Maria Gabriela Llansol, *Finita, op. cit.*, p. 17.

⁴⁰ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades, op. cit.*, p. 232.

⁴¹ Maria Gabriela Llansol, *Onde Vais, Drama-Poesia?* (Lisboa: Relógio d’Água), p. 15.

⁴² Eis o fragmento: “Jouets d’enfants, les opinions humaines”, Héraclite, *Fragments* (Épiméthée: PUF, 1986), p. 70.

⁴³ Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra* (Paris: Garnier-Flammarion, 2006), p. 65.

rebeldes religiosos projectam-se no futuro da comunidade, carregam a força de modelar o novo e criar valores de liberdade em consonância com a dinâmica do texto que abriga casas de escrita em estado de latência e o princípio da Restante vida dos rebeldes: a vida que deixa o rasto da ucronia. Os rebeldes experienciam o lugar como encontro de vibrações liberados do fardo do Poder e do silenciamento. Nietzsche imbrica-se na poesia portuguesa através da carta que Ana de Peñalosa lhe escreve onde se evidenciam citações do poema “Menino da sua mãe” de Fernando Pessoa. O trânsito de Pessoa pela escrita llansoliana pressupõe uma possível mutação de duas energias bloqueadas que não alcançaram receptividade na sua época assim como uma alusão à batalha de Frankenhausen durante a qual Müntzer e trinta mil camponeses foram trespassados. A carta “Texto ao Sol submetido” é texto sobreimpresso que reúne Pessoa, Müntzer e Nietzsche fora do eterno retorno do mesmo e redinamiza o eterno regresso da leitura e o eterno retorno do rebelde como profeta desmistificador, referindo-se a Zaratustra. O Zaratustra de Nietzsche é um eremita-profeta, esquecido pela sociedade, que não consegue anunciar a teoria do eterno retorno, pois quando está prestes a formulá-la, adoece.⁴⁴ É uma leitura crítica do declínio do eremita como sábio, visto como uma fenda histórica que merece ser analisada.⁴⁵

O texto de Llansol atravessa *Assim falava Zarastustra* que marca a ruptura da historicidade pela recorrência do eterno retorno enquanto releitura do devir de Heraclito. Zaratustra confia nos homens superiores porque são aqueles que sabem o significado da morte de Deus. Por isso, o eremita imagina-os como discípulos. Porém, eles fogem face ao signo do leão – sinal da destruição dos valores instituídos – e são incapazes de rir. Durante a festa do burro, um terrível ressurgimento de dogmas sucede. O riso do homem mais feio desmente, contudo, o risco do dogma.⁴⁶ O riso abre a senda do desaprender, oferece leveza e dilui a gravidade dos conceitos fossilizados.

⁴⁴ Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra*, *ibidem*, pp. 244 e 272.

⁴⁵ Maria Gabriela Llansol, *Lisboaleipzig. O inesperado encontro do diverso*, *op. cit.*, p. 232.

⁴⁶ Friedrich Nietzsche, *Ainsi parlait Zarathoustra*, *op. cit.*, pp. 372-376.

É contra “o reumatismo dos conceitos”⁴⁷ que Llansol também se inscreve como escritora rebelde que adota o riso transgressor: “Vou cruzar o canónico com o apócrifo.”⁴⁸ A figura de Nietzsche atravessa o rebaixamento medieval (Bakhtine, 1970: 29)⁴⁹. O Nietzsche canonizado e deturpado pelo nazismo é regenerado segundo o dom da troca e da vida de Ana de Peñalosa. A metamorfose do filósofo é um processo de violência e de despojamento. Convertido num animal pérfido e imóvel, com o sexo arrancado, Nietzsche, o intempestivo, agoniza. É devorado pelo porco Eckhart. O niilismo de Nietzsche é transformado pelo desprendimento do místico. Nu e calvo, Ana de Peñalosa cobre-o com uma túnica como se lhe oferecesse, por metonímia, a força de um místico. Llansol reactiva as metamorfoses de Zaratustra. Em vez do espírito se tornar camelo, o camelo em leão e o leão em criança, que correspondem aos diferentes estádios de destruição e renovação dos sistemas impostos, o espírito de Nietzsche atravessa a Alteridade de Eckhart por ser o místico que meditou sobre o instante. Llansol recupera a vibração do sermão 10 “Stella matutina” de Eckhart.⁵⁰ O excerto do sermão surge sob a forma gráfica de um versículo:

se eu me concentrar num fragmento do tempo,
não é hoje, nem amanhã
mas se eu me concentrar num fragmento do tempo,
agora,
esse fragmento revelará todo o tempo (1999: 67).⁵¹

Todo *O Livro das Comunidades* é a indagação do instante epifânico que fractura o *continuum* da história no intuito de devolver a cada rebelde o seu instante de singularidade e de entrecruzamento de energias. Após

⁴⁷ Maria Gabriela Llansol, *Inquérito às quatro confissões* (Lisboa: Relógio d’Água, 2003), p. 227.

⁴⁸ Maria Gabriela Llansol, *Inquérito às quatro confissões*, *ibidem*, p. 67.

⁴⁹ Mikhaïl Bakhtine, *L’Œuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Âge* (Paris: Gallimard, 1970), p. 29.

⁵⁰ “Si je prends un fragment du temps, il n’est aujourd’hui ni hier. Mais si je prends (maintenant), il contient en soi tout le temps”, Eckhart, *Sermons*, *op.cit.*, p. 22.

⁵¹ Maria Gabriela Llansol, *Livro das Comunidades*, *op. cit.*, p. 67.

o rito de transformação, Ana de Peñalosa e Friedrich N. copiam um texto inconcluso, alusão sub-reptícia ao *Livro das Comunidades* num efeito de *mise en abyme*. Concordamos com Eiras⁵² quando comenta que a figura de Nietzsche é uma “possibilidade de devir de São João da Cruz” em Llansol. Tal como São João da Cruz que realiza a travessia no deserto apocalíptico e renasce no deserto da página em branco, Friedrich N. retoma o gesto da mão amputada de São João da Cruz ao devolver ao livro a fluidez da escrita como também vive “o nascimento do exílio”⁵³ junto de João e Müntzer. Com efeito, os três entranham a faculdade contemplativa após diversas metamorfoses que implicam o trânsito por vinte e seis lugares marcados “pelo que o olhar livre vê”.⁵⁴

No fim do texto, Ana de Peñalosa e Friedrich N. concebem um novo ser, um híbrido, feito de traços de monstro e de texto.⁵⁵ Se lembrarmos que o monstro se associa à etimologia do verbo *mostrare* no sentido de “prescrever a via a seguir”,⁵⁶ o monstro-texto anuncia o lugar da anulação em que todas as formas vivas (rebeldes, animais, plantas, sonhos, imagens, sílabas de segredo) têm a sua palavra a dizer e o seu devir.

Para o leitor de hoje, *O Livro das Comunidades* de Llansol continua a ser um texto de ruptura em que não se acredita na utopia de uma revolução viável no século XXI. O texto llansoliano incita a repensar a relação do homem com a desmemória. Tal como são redinamizadas no texto, as figuras de São João da Cruz e Nietzsche são prematuras, esquecidas pela nossa sociedade de vertigem, anestesiada pelo jejum da liberdade de consciência e do pensamento do novo. É mediante o jogo de releituras labirínticas que o leitor acede aos instantes *Kairós* de São João da Cruz e de Nietzsche: os rebeldes captam o duplo de viver como *textuantes*⁵⁷ e partícipes do texto trans-histórico em que a simultaneidade de tempos e de espaços preserva a esperança na travessia da textualidade pela sua força de irradiação e mutações constantes.

⁵² Pedro Eiras, *O Texto sobrevivente. Lendo três lugares d’O Livro das Comunidades, (Jade - Cadernos llansolianos, nº 5, 2005)* p. 21.

⁵³ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades, op. cit.*, p. 56.

⁵⁴ João Barrento, *Na dobra do mundo, op. cit.*, p. 49.

⁵⁵ Maria Gabriela Llansol, *O Livro das Comunidades, op. cit.*, p. 75.

⁵⁶ José Gil, *Monstros* (Lisboa: Relógio d’Água), p. 73.

⁵⁷ Neologismo de Llansol.